RUINOSO

Lucas Gervilla

RUINOSO

Lucas Gervilla

Realização / Realización:

UNIDADE DE GESTÃO DE CULTURA | Prefeitura de Jundiaí

Apoio / Apoyo:

unesp

PPG PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNESP

artes

CAPES

AMBOS MUNDOS Fondo de Arte

ZK/U Berlin

ФАБРИКА ТЕХ БУМАГ ЦЕНТР ТВОРЧЕСКИХ ИНДУСТРИЙ

Fonds

Prince Claus Fund for Culture and Development

©Lucas Gervilla 2020

Diagramação, Fotografias e Textos
Diagramación, Fotografías y Textos
Lucas Gervilla

Revisão e Tradução Para o Espanhol
Revisión y Traducción Para el Español
Caroline Veloso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gervilla, Lucas Rossi
Ruinoso [livro eletrônico] / Lucas Rossi Gervilla.
-- 1. ed. -- Jundiaí, SP : Ed. do Autor, 2020.
PDF

ISBN: 978-65-00-14656-1

1. Artes 2. Construções 3. Fotografias 4. Imagens fotográficas I. Título.

20-53010 CDD-700.770

Índices para catálogo sistemático:
1. Artes : Fotografia 700.770
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO / SUMARIO

Introdução / Introducción 03

Vingança da Natureza / Venganza de la Naturaleza 17

Pátinas do Tempo / Pátinas del Tiempo 23

Futuros Possíveis / Futuros Posibles 41

Índice de Fotos / Índice de Fotos 59

Sobre o Autor / Sobre el Autor 62

INTRODUÇÃO

INTRODUCCIÓN

Abandonado, arruinado, velho, degradado, desolado, decaído, deteriorado, colapsado, decadente, desmoronado, destruído e derrubado. São muitos os adjetivos comumente associados a lugares abandonados ou ruínas, e seu uso quase sempre acontece de forma pejorativa. Os prefixos latinos "de" e "des" enfatizam esse aspecto, indicando o afastamento ou separação entre o estado atual dessas construções e o que um dia elas já foram. Por outro lado, será que não é possível observar esses lugares a partir de um ponto de vista que não seja necessariamente negativo?

Quando a arte se aproxima de estruturas que foram deixadas para trás, surgem diferentes estéticas do abandono. Uma de suas principais características é enfatizar justamente os elementos que seriam considerados desprezíveis dentro das convenções clássicas de beleza, uma subversão dos conceitos tradicionais de belo. Essa aproximação, porém, não é exclusividade dos nossos dias. Ela atravessa os séculos, seja na pintura ou na literatura e, posteriormente, em linguagens artísticas mais modernas, como a fotografia e o cinema.

As estéticas do abandono tensionam as relações entre cultura e natureza, entre memória e esquecimento. Essas tensões promovem estranhamentos: seriam nossas memórias fragmentadas, assim como as paredes de um prédio abandonado? Estariam nossas lembranças mais vívidas fadadas ao mesmo desmanche de uma ruína em um lugar ermo?

Como forma de investigar essas relações e seus desdobramentos, tenho visitado e documentado lugares ruinosos de diversos países há mais de uma década. Este fotolivro é um dos resultados desse processo, apresentando a vingança da natureza, exibindo pátinas do tempo e imaginando futuros possíveis.

Abandonado, arruinado, viejo, degradado, desolado, decaído, deteriorado, colapsado, decadente, desmoronado, destruido y derrumbado. Son muchos los adjetivos comúnmente asociados a sitios abandonados o ruinas, y su uso en general ocurre de manera prejuiciosa. Los prefijos "de" y "des" enfatizan este aspecto indicando separación o alejamiento entre el estado actual de estas construcciones y lo que han sido un día. Por otro lado, ¿no es posible observar estos sitios desde un punto de vista que no sea necesariamente negativo?

Cuando el arte se acerca a estructuras que han sido dejadas hacia atrás, surgen diferentes estéticas del abandono. Una de sus principales características es resaltar exactamente los elementos que son considerados despreciables bajo las convenciones clásicas de belleza, una subversión de los conceptos tradicionales de bello. Esta cercanía no es exclusividad de nuestros días. Ella atraviesa los siglos, sea en la pintura, sea en la literatura y, posteriormente en lenguajes artísticos más modernos, como la fotografía y el cine.

Las estéticas del abandono provocan tensión en las relaciones entre cultura y naturaleza, entre memoria y olvido. Estas tensiones causan extrañamientos: ¿serían nuestras memorias fragmentadas tal como las paredes de un edificio abandonado? ¿Estarían nuestros recuerdos más vívidos predestinados al mismo despiece de una ruina en sitio yermo?

Como forma de investigar estas relaciones y sus consecuencias, he visitado y he documentado sitios ruinosos de diversos países desde hace más de una década. Este fotolibro es uno de los resultados de este proceso y presenta la venganza de la naturaleza exhibiendo pátinas del tiempo e imaginando posibles futuros.

VINGANÇA DA NATUREZA

VENGANZA DE LA NATURALEZA

Ruínas são testemunhas do passado, vivem um estado ruinoso presente e nos permitem imaginar futuros alternativos, o que as tornam estruturas com uma complexidade maior do que quando ainda exerciam suas funções originais. Uma ruína é uma construção arquitetônica reclamada pela natureza. Um processo que pode ser visto como uma forma de vingança, uma vez que a cultura foi até a natureza para extrair a matéria-prima para suas edificações e, agora, a natureza está retomando o que era seu por direito.

As formas da natureza reclamar suas propriedades são incontáveis: através da vegetação, calor, frio, chuvas, neve, ventos, migrações de animais, terremotos e tantas quantas outras manifestações o mundo natural puder gerar. Em algumas situações, a vingança começa quando os lugares ainda são habitados, forçando o seu abandono.

Uma vez livre de humanos, a natureza pode exercer seu domínio da maneira como lhe convém, sem a pressa e o barulho que nós, erroneamente, costumamos associar ao progresso.

Ruinas son testigos del pasado, viven un estado ruinoso presente y nos permiten imaginar futuros alternativos, lo que las convierten en estructuras con una complejidad más amplia que cuando ejercían sus funciones originales. Una ruina es una construcción arquitectónica requerida por la naturaleza. Un proceso que puede ser visto como una forma de venganza, una vez que la cultura fue hacia la naturaleza para extraer la materia prima para sus edificaciones y, ahora, la naturaleza está retomando lo que era suyo por derecho.

Las formas de la naturaleza requerir sus propiedades son incontables: a través de la vegetación, calor, frío, lluvias, nieve, vientos, migraciones de animales, temblores y tantas cuantas manifestaciones el mundo natural puede generar. En algunas situaciones la venganza empieza cuando los sitios son todavía habitados, forzando su abandono.

Una vez libre de humanos, la naturaleza puede ejercer su dominio de la manera que le conviene, sin la prisa y el ruido que nosotros, erróneamente asociamos al progreso.

DA
NE

PÁTINAS DO TEMPO

PÁTINAS DEL TIEMPO

À medida que a lenta retomada natural acontece, surgem diferentes pátinas do tempo: buracos, rachaduras, paredes descascadas, mofo, bolor, umidade, vegetação rasteira, poeira, ferrugem e tijolos esfarelados são algumas das mais comuns. Características que são impressões profundas e duradouras, não são marcas feitas de forma abrupta, elas demandam tempo e não possuem um estado permanente, estão em constante transformação. Com o passar do tempo, os vestígios são também encobertos, apagando os traços da atividade humana. Tudo se converte em ausência.

Imagina-se que esses lugares sejam inóspitos, perigosos. Para o apreciador de ruínas, esses locais são como um santuário, no qual uma madeira apodrecida pode ser tão sagrada quanto um ícone religioso. Perdido em seus próprios devaneios, ele contempla uma parede descascada, cheia de fendas por onde brotam ervas daninhas com a mesma devoção do fiel que observa um altar.

Não existe controle sobre a forma como a natureza recupera construções abandonadas, nem na maneira como suas marcas são impressas. Igualmente, não há padrões, a variedade de cores e formas visíveis em um lugar abandonado são infinitamente maiores do que na construção original. Aí está a sedução pelas ruínas.

A medida que ocurre la lenta retomada natural surgen diferentes pátinas del tiempo: huecos, roturas, paredes descascarilladas, mohos, humedad, vegetación baja, polvo, herrumbre y ladrillos destrozados. Características que son impresiones hondas y duraderas, no son marcas hechas de manera abrupta. Ellas demandan tiempo y no poseen un estado permanente, están en constante transformación. Con el paso del tiempo, los rastros son también encubiertos, borrando las huellas de actividad humana. Todo se vuelve ausencia.

Se imagina que estos lugares sean inhóspitos, peligrosos. Para el apreciador de ruinas, estos sitios son como un santuario donde una madera podrida puede ser tan sagrada como un icono religioso. Perdido en sus propios ensueños, él contempla una pared descascarillada, llena de hendiduras por donde brotan hierbas dañinas con la misma devoción del fiel que observa un altar.

No hay control sobre la forma cómo la naturaleza recupera construcciones abandonadas, ni la manera cómo sus marcas son impresas. De la misma forma, no hay estándares; la variedad de colores y formas visibles en un sitio abandonado son infinitamente más grandes que la construcción original. En esto está la fascinación por las ruinas.

КАЛАЛАЛАТ СССР

МАСТЕР СПОРТА

FUTUROS POSSÍVEIS

FUTUROS POSIBLES

As ruínas borram as fronteiras espaciais e temporais. Espaciais porque não é possível determinar com precisão onde começa ou termina uma ruína, nem se o seu entorno faz parte dela. Dependendo do estado da ruína, também não é possível reconhecer o que era o lugar abandonado em questão e quais práticas cotidianas eram desenvolvidas ali. Da mesma forma, são sobrepostas diferentes temporalidades: passado, presente e futuro, levando o visitante desses espaços a uma suspensão sensorial.

Ao nos depararmos com construções que foram projetadas como parte de um plano de modernidade, mas que ruíram, podemos nos perguntar "e se?"[1]. A partir daí é possível imaginar futuros alternativos: "e se a fábrica não tivesse falido?", "e se a barragem não tivesse rompido?", "e se a URSS não tivesse sido dissolvida?". Lugares imaginários, memórias imaginadas, um universo todo construído através de formas imaginativas, acessível somente em nossos pensamentos.

Ao contrário do que pode parecer inicialmente, imaginar diferentes futuros não significa planejar a restauração ou revitalização desses lugares. A pergunta "e se?" torna-se um ponto de partida, não uma volta ao passado. Mesmo que as ruínas possam ser reconstruídas, elas jamais serão o que um dia foram.

Usar as ruínas e lugares abandonados como inspiração para pensarmos em futuros utópicos também nos permite um deslocamento no espaço-tempo, nos levando a um ponto onde nossas memórias ainda não foram reclamadas pela natureza.

[1] Relacionar essa pergunta a projetos modernos falidos foi proposto originalmente pela artista e pesquisadora russa Svetlana Boym, em seu livro The Future of Nostalgia (2001).

Las ruinas borran las fronteras espaciales y temporales. Espaciales porque no es posible determinar con precisión donde empieza y termina una ruina, tampoco si el entorno forma parte de ella. Dependiendo del estado de esta ruina, tampoco es posible reconocer cómo era el sitio abandonado y cuáles prácticas cotidianas eran desarrolladas allí. De la misma manera se sobreponen diferentes temporalidades: pasado, presente y futuro, llevando al visitante de estos espacios a una suspensión sensorial.

Al encontrarnos con construcciones que han sido proyectadas como parte de un plan de modernidad, pero que han ruido, podemos preguntarnos ¿"y si ?"[1]. A partir de entonces se puede imaginar futuros alternativos: "y si la fábrica no hubiera fallido?", "y si la presa no se hubiera roto?"¿"y si URSS no hubiera sido disuelta?". Sitios imaginarios, memorias imaginadas, un universo todo construido a través de formas imaginativas, accesible solamente en nuestros pensamientos.

Al revés de lo que puede parecer inicialmente, imaginar diferentes futuros no significa planificar la restauración o revitalización de estos sitios. La pregunta "¿y si?" se convierte un punto de partida, pero no una vuelta al pasado. Aunque las ruinas puedan ser reconstruidas, jamás volverán a ser lo que un día han sido.

Usar las ruinas y sitios abandonados como inspiración para pensar en futuros utópicos también nos permite un desplazamiento en el espacio-tiempo, llevándonos a un punto donde nuestras memorias todavía no han sido requeridas por la naturaleza.

[1]Relacionar esa pregunta a proyectos modernos fallidos fue propuesto originalmente por la artista y investigadora rusa Svetlana Boym, en su libro The Future of Nostalgia (2001).

MATADERO

Fuck you
CONRAD

JONES

300

ÍNDICE DE FOTOS

ÍNDICE DE FOTOS

Capa / Portada:
Epecuén (ARG), 2019.

P. 03:
Várzea Paulista (BRA), 2017.

P. 05:
Itupeva (BRA), 2020.

P. 07:
São Paulo (BRA), 2020.

P. 08:
Epecuén (ARG), 2019.

P. 09:
Brangaça Paulista (BRA), 2020.

P. 10:
Tuchkovo (RUS), 2017.

P. 11:
Bernau bei Berlin (ALE), 2013.

P. 12:
Epecuén (ARG), 2019.

P. 13:
Várzea Paulista (BRA), 2020.

P. 14:
Istra (RUS), 2017.

P. 15:
Jundiaí (BRA), 2017.

P. 16:
Epecuén (ARG), 2019.

P. 17:
Tuchkovo (RUS), 2017.

P. 18:
Epecuén (ARG), 2019.

P. 19:
Tuchkovo (RUS), 2017.

P. 20:
Bragança Paulista (BRA), 2020.

P. 21:
Tuchkovo (RUS), 2017.

P. 22:
Bragança Paulista (BRA), 2020.

P. 23:
Epecuén (ARG), 2019.

P. 25:
Jundiaí (BRA), 2012.

P. 26:
Bernau bei Berlin (ALE), 2013.

P. 27:
Epecuén (ARG), 2019.

P. 28:
Bragança Paulista (BRA), 2020.

P. 29:
Tuchkovo (RUS), 2017.

P. 30:
Vargem Grande do Sul (BRA), 2018.

P. 31:
Epecuén (ARG), 2019

P. 32:
Epecuén (ARG), 2019.

P. 33:
Bernau bei Berlin (ALE), 2013.

P. 34:
Jundiaí (BRA), 2012.

P. 35:
Bragança Paulista (BRA), 2020.

P. 36:
Epecuén (ARG), 2019.

P. 37:
Jundiaí (BRA), 2012.

P. 38:
Bragança Paulista (BRA), 2020.

P. 39:
Bernau bei Berlin (ALE), 2013.

P. 40:
Bragança Paulista (BRA), 2020.

P. 41:
Istra (RUS), 2017.

P. 43:
Carhué (ARG), 2019.

P. 44:
Embaixanda Iraquiana (ALE), 2013.

P. 45:
Moscou (RUS), 2017.

P. 46:
Morungaba (BRA), 2017.

P. 47:
Varginha (BRA), 2019.

P. 48:
Epecuén (ARG), 2019.

P. 49:
Várzea Paulista (BRA), 2020.

P. 50:
Bernau bei Berlin (ALE), 2013.

P. 51:
Mogi Mirim (BRA), 2018.

P. 52:
Istra (RUS), 2017.

P. 53:
São Paulo (BRA), 2020.

P. 54:
Epecuén (ARG), 2019.

P. 55:
Bernau bei Berlin (ALE), 2013.

P. 56:
Bragança Paulista (BRA), 2020.

P. 57:
Jundiaí (BRA), 2012.

P. 58:
Várzea Paulista (BRA), 2020

P. 59:
Berlim (ALE), 2013.

P.60:
Tiradentes (BRA), 2019.

Contracapa / Contraportada
Bernau bei Berlin (ALE), 2013.

Foto: Iris Mendes

LUCAS GERVILLA

(Jundiaí-SP-BRA, 1984)

Artista visual, trabalha com imagens desde 2005. Doutorando e mestre pelo Instituto de Artes da UNESP e bacharel em Comunicação e Multimeios pela PUC-SP. Desenvolve a pesquisa "Estéticas do Abandono: lugares abandonados, ruínas, memória e arte".

Artista visual, trabaja con imágenes desde 2005. Doctorando y máster por el Instituto de Artes de la Universidade Estudal Paulista (UNESP) y licenciado en Comunicacíon y Multimedios por la Universidade Católica de São Paulo. Desarrolla la ivestigación “Estéticas del Abandono: lugares abandonados, ruinas, memoria y arte”.

www.gerva.me
lucas.gervilla@unesp.br

ISBN: 978-65-00-14656-1